

O papel dos africanos negros na história do povo de Deus*

Peter T. Nash

Resumo

A Terra Santa, o Israel bíblico se encontrava bem na encruzilhada do mundo que lingüistas e alguns historiadores designam como Afro-Ásia. O mundo afro e o mundo asiático não foram mundos separados, mas entrelaçados lingüística e culturalmente. Infelizmente, a trajetória inicial (Expedição de Carsten Niehbuhr) dos estudos antropológicos e os achados arqueológicos foram longe demais em estabelecer uma ênfase mesopotâmica e uma negligência das influências africanas. Além disso, o racismo, tanto explícito quanto implícito, impedia a integração adequada das pesquisas dos povos africanos, e.g. o Egito e a Núbia, nos estudos bíblicos. Este artigo revisa a situação durante o século passado e fornece um exemplo, a história da interpretação europeia de 2 Samuel 18.19-33, que não podia aceitar a presença de um africano entre a guarda de elite de Davi.

Resumen

La Tierra Santa, el Israel bíblico se encontraba precisamente en la encrucijada del mundo que lingüistas y algunos historiadores designan como AfroAsia. El mundo afro y el mundo asiático no fueron mundos separados, estuvieron siempre entrelazados lingüística y culturalmente. Infelizmente, la trayectoria inicial (Expedición de Carsten Niehbuhr) de los estudios antropológicos y los hallazgos arqueológicos fueron lejos de más al establecer un énfasis mesopotámico e una negligencia de las influencias africanas. Además, el racismo, tanto explícito cuanto implícito, impedia la integración adecuada de las pesquisas de los pueblos africanos, e.g. Egipto y Núbia, en los estudios bíblicos. Este artículo hace una revisión de la situación durante el siglo pasado, y ofrece un ejemplo, la historia de la interpretación europea de 2 Samuel 18:19-33, que no podía aceptar la presencia de un africano entre la guardia de élite de David.

* Este é o texto levemente revisado da Aula Inaugural do 1º semestre de 2002 na Escola Superior de Teologia, proferida em 26 de fevereiro de 2002.

Abstract

The Holy Land, biblical Israel stood at the crossroads of the world that some linguistics and historians call Afro-Asia. The African world and the world of Asia Minor were not separate worlds, but a linguistically and culturally intertwined continuum. Unfortunately, the initial impulse (Carsten Niebuhr Expedition) of early anthropological and archaeological studies went too far in establishing a Mesopotamian emphasis with an accompanying neglect of African influences on the biblical story. In addition, racism, both tacit and explicit, impeded the proper integration of relevant African peoples, e.g. Egypt and Nubia. This article reviews the situation during the 20th century and offers one example, a brief history of interpretation of 2 Samuel 18:19-33, and the fact that it could not accept the presence of an African in the Elite Guard of King David.

Introdução

Este ensaio é parte de um projeto maior de sistematização¹ de anos de pensamento e pesquisa sobre a questão do papel da raça e da racialização na escrita da teologia e do papel das teologias assim elaboradas na construção das sociedades, especificamente daquelas sociedades que identificam a si mesmas como cristãs ocidentais. Por um lado, ele oferece poucos fatos que sejam novos ou originais; por outro lado, é a consciência de que esses fatos e teorias

são tão amplamente conhecidos e tão pouco publicados que me levou a dedicar alguns anos da minha vida profissional a organizá-los de uma forma acessível a um público teológico amplo. Também espero que esses fatos, antigos e mais novos, estejam dispostos de tal maneira que tragam alguma compreensão nova para a questão da raça no estudo da Bíblia e campos afins.

O projeto foi originalmente concebido para abordar dois assuntos

¹ Durante a segunda metade de 2001 recebi o direito a um semestre sabático de meus colegas na EST e fui calorosamente recebido pela Faculdade de Teologia Augustana em Neuendettelsau, Alemanha. Expresso a minha profunda gratidão ao Curatório da EST por me conceder essa dispensa, a meus colegas do Departamento Bíblico da EST e ao Departamento de Missão Global da ELCA, que viram valor no projeto como ele foi proposto e continuam a apoiar sua conclusão, bem como aos meus anfitriões em Neuendettelsau.

complexos e relacionados: o primeiro é o uso corrente de métodos e dados antropológicos na compreensão do Antigo Testamento ou da Bíblia Hebraica, e a pergunta, ligada a isto, se esses métodos poderiam ou não ser combinados de tal maneira que incluíssem uma porta de entrada satisfatória para uma discussão das questões de presença cultural africana no Antigo Testamento. O segundo assunto é o papel da racialização da interpretação desses textos da forma como ela tem sido realizada em três enormes e diversos países² situados em três continentes, cada um com litoral no Oceano Atlântico, e cada um com uma história singular, mas conectada, de opressão cruel de seus afro-descendentes, sejam eles cristãos ou não. Essas nações irmãs górgones de racialização são os Estados Unidos, a África do Sul e o Brasil.

Apóio-me fortemente no trabalho de amigos e colegas. O projeto como um todo contém muitas partes que só podem ser tocadas brevemente neste ensaio. Listo-as aqui somente para dar uma orientação ao leitor: o

conceito geral de raça nas ciências biológicas, com um breve histórico do conceito e comentários adicionais de antropólogos sobre a posição da questão nesse campo; uma clarificação dos três termos “raça”, “cultura” e “etnia” e breves comentários sobre o papel da cultura na formulação da teologia; uma sinopse da história da racialização nos Estados Unidos, na África do Sul e no Brasil; um debate para uma cosmovisão afro-judaica; sugestões para a leitura das narrativas com um olhar de antropólogo; um resumo da ciência malfeita dos séculos XVIII e XIX que levou cientistas a propor que os egípcios e todos os outros atores na trama do Antigo Testamento eram caucasóides; uma discussão da família linguística conhecida como afro-asiática, que vai desde a Mesopotâmia até a África oriental, passando pelo Vale Great Rift, e uma avaliação da obra *Black Athena*³, de Martin Bernal, na qual ele sustenta que a história ocidental foi seqüestrada pelos classicistas a fim de clareá-la ou contextualizá-la para as pessoas que nós agora conhecemos como a elite europeia.

2 A identidade e mitologia nacional de todos esses países dependem fortemente, ou têm dependido no caso da África do Sul, da reivindicação de que cada um deles é uma nação cristã. Veja Alan MAKER, *Something New out of Africa*; W. A. deKLERK, *The Puritans in Africa*, e Anthony W. MARX, *Making Race and Nation*.

3 Martin BERNAL, *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, v. 1: *The Fabrication of Ancient Greece 1785-1985*, v. 2: *The Archaeological and Documentary Evidence*, 1987 e 1991.

Haverá indicações de cada um desses elementos no presente ensaio, mas este texto procura fazer somente uma coisa: ilustrar a clara presença de africanos no mundo bíblico antigo e tornar perfeitamente claro para o lei-

tor que opiniões contrárias estão baseadas em estereótipos e concepções erradas, principalmente na crença errônea de que nada de bom vem da África.

1 - A história da questão

O papel dos africanos negros no antigo Oriente Próximo é frequentemente subestimado e mal entendido, por razões tanto de ignorância quanto de malícia. A maioria de nossas imagens no Ocidente moderno vêm pela forma como recebemos o Antigo Testamento ou as Escrituras Hebraicas. Essas imagens, por sua vez, são mediadas pelos grandes mestres da arte europeia. Assim, os ocidentais e sua descendência intelectual⁴ estão mais acostumados a ver, e por isso mais à vontade com, um “Moisés europeu”. Aqueles que se consideram perspicazes em suas representações históricas do Antigo Testamento podem mostrar um “Moisés mediterrâneo”, ou um Samuel com uma pele bem bronzeada. Ainda é

raro, no Ocidente, ver um retrato de Moisés que o represente como africano.

São os simples atos de “contextualização” efetuados pelos artistas ocidentais que nos têm dado a imagem de um “Moisés europeu” e um “Davi caucasóide”. Cain H. Felder pode chamar isso de sacralização da iconografia ocidental. Na verdade, Felder acredita que o problema é mais grave. Ele citaria a sacralização da cultura ocidental com todas as suas imagens e valores, incluindo seu racismo, o qual nos tem feito acreditar que a África tinha pouco ou nenhum papel na história antiga da interação de Deus com o povo de Israel⁵.

Estou sugerindo que o mundo

4 Isso inclui as igrejas implantadas pelos empreendimentos missionários pós-renascentistas de quase todas as denominações.

5 Cain H. FELDER, *Race, Racism and Biblical Narratives*, p. 128. Felder adota o termo como um paralelo ao uso que Mendenhall faz do termo “secularização”. Assim, ele vê processos paralelos duais atuantes na apropriação e adaptação ocidentais da Escritura dos judeus e cristãos. Por um lado, valores religiosos tornam-se ícones seculares e, por outro, ícones culturais assumem o *status* de questões de fé.

antigo era um mundo consideravelmente mais escuro do que temos suposto nos últimos 300 anos. É um mundo que também era consideravelmente mais complexo do que nos acostumamos a aceitar. Geralmente isso acontece porque a maioria dos ocidentais têm, na melhor das hipóteses, apenas algumas poucas horas de aula de história da Antigüidade durante toda a sua educação escolar. Para a maioria de nós, a história começou com os gregos e os romanos, que são tidos como os progenitores diretos da civilização ocidental. Nessas cadeiras introdutórias panorâmicas, que pretendem esboçar os detalhes importantes da história “do mundo”, os egípcios recebem um aceno obrigatório de reconhecimento como os antepassados idosos e venerados, mas quase irrelevantes, enquanto os cananeus, os fenícios, os etíopes e os líbios são meramente reconhecidos como tendo existido como vozes de fundo nos exercícios

de aquecimento antes das notas de abertura do oratório do nascimento da civilização ocidental. Os israelitas, no currículo teológico, são mencionados, mas só funcionalmente na sua atribuição de pré-cristãos.

Ironicamente, a Europa e, subsequentemente, as Américas adotaram o Egito como parte do Ocidente. O livro *Uma história da arte*⁶, de Janson, conhecido por diversas gerações de estudantes universitários da América do Norte como arruinador de orçamento ou destruidor de mochila, começa com a arte egípcia. Nos três volumes da obra de Vercoutter *A imagem dos negros na arte ocidental*, o primeiro volume é intitulado *Dos faraós à queda do Império Romano*⁷. A Europa da Renascença ficou pasma com as realizações do Egito, e essa fascinação aberta continuou até o iluminismo. Nessa época, a ciência flertou abertamente com a religião e o misticismo, e o Egito era um monumento a todas as três

6 H. W. JANSON, *History of Art*. Janson inicia com um curto ensaio, “O artista e seu público”, seguido da parte I, o mundo antigo, e trata, numa rápida sucessão, de “Mágica e ritual – a arte do homem pré-histórico”, arte egípcia, o Oriente Próximo antigo, arte do Egeu, arte grega, arte etrusca, arte romana e, finalmente, arte pré-cristã e bizantina, nesta ordem. Das 616 páginas, 10 são dedicadas à arte islâmica, e metade dos exemplos considerados estão na Europa. No pós-escrito à segunda edição de 1970 o autor escreve: “Neste livro, expusemos (...) somente os elementos de fora da Europa e da América que contribuíram para o crescimento da tradição artística ocidental: a arte pré-histórica e primitiva, assim como a arte do Egito; o Oriente Próximo antigo e o islã. Três áreas principais foram omitidas – a Ásia indiana, a China e o Japão e a América pré-colombiana – porque suas tradições artísticas indígenas não estão mais vivas hoje.” (p. 569).

7 Jean VERCOUTTER; Jean LeCLANT, *The Image of the Black in Western Art*.

formas de sabedoria e “verdade”. As pirâmides e a grande esfinge eram realizações de engenharia de primeira magnitude, ultrapassando amplamente qualquer uma das belezas arquitetônicas da Europa. A mumificação do corpo foi entendida como representação de uma profunda crença em uma vida além deste mundo e, assim, como vislumbre de um povo profundamente religioso, que, embora claramente distinto da Europa cristã, mostrava preocupações similares sobre sua finitude e esperanças de continuação de sua existência além do túmulo. Além disso, suas fantásticas representações das divindades egípcias com corpos humanos e cabeças de animais, e como gatos e falcões, combinavam bem com um povo europeu que estava somente na metade do caminho da alquimia para a química. É claro que a grandeza e estabilidade pura do Egito eram valores que atraíam a visão européia dominante de civilização e cultura da elite durante a Renascença.

Essa coincidência dos valores da Renascença com as relíquias egípcias é importante, mas também está fundamentada no conhecimento de que os romanos e os gregos consideravam os egípcios os seus predecessores e professores culturais. Tanto

Platão quanto Aristóteles desceram ao Egito para estudar⁸. Durante o período romano, o Egito foi uma província privilegiada, como tinha sido sob o domínio dos persas. Rituais culturais egípcios, que encontraram espaço até mesmo nos templos de Atenas durante o período grego, eram uma ameaça à própria soberania de Roma. Os leitores renascentistas da literatura clássica eram recordados regularmente de que os gregos e romanos consideravam os egípcios, e ocasionalmente os etíopes, como os inventores da civilização⁹.

Adicionando a isso as tradições de várias interações de matriarcas e patriarcas do Antigo Testamento com a superpotência, adicionando além disso afirmações da tradição israelita de que o grande herói, líder e profeta do AT, Moisés, foi educado no palácio do Egito, e adicionando ainda as freqüentes menções nos escritos proféticos que representam o Egito como uma ameaça constante à própria soberania de Deus, comecemos a entender a importância do lugar do Egito na imaginação de nossos antepassados intelectuais.

Foi somente quando o ideal de progresso do iluminismo tornou-se dominante, que o Egito deixou de ser o modelo de grande civilização. Não

8 Martin BERNAL, *op. cit.*, v. 1.

9 Diodoro da Sicília e Heródoto são dois exemplos.

obstante, um indício da persistência do Egito na imaginação da mente ocidental pode ser encontrado ainda hoje no verso de cada nota de 1 dólar impressa nos Estados Unidos. A pirâmide coberta com o olho onisciente é uma homenagem dos pais fundadores estadunidenses às crenças místicas na sabedoria, poder e estabilidade da pirâmide como ícone do Egito.

Como foi mencionado acima, supunha-se que os atores desse suposto prólogo à civilização ocidental fossem caucasóides. De fato, a opinião erudita dominante até os autores¹⁰ da década de 60 era de que os egípcios eram caucasóides¹¹. Desde essa época, tem havido um silêncio geral sobre a etnia dos egípcios. Somente os afro-centristas têm ousado expressar uma opinião. Eles escrevem sem reservas que os egípcios eram africa-

nos negros¹².

A razão para o silêncio da comunidade acadêmica é que ela se encontra entre a faca e a parede. Se ela falar dos egípcios como caucasóides, os estudiosos individualmente e a universidade em geral serão considerados racistas. Se, por outro lado, afirmar que os egípcios eram africanos negros, a âncora das âncoras da disciplina acadêmica, a longa história do Egito como fundamento das civilizações ocidentais, poderia ser posta em perigo e a egiptologia, disciplina que já se vê dotada de poucas verbas e marginalizada entre as comunidades universitárias por várias razões, poderia ser colocada nas margens da comunidade acadêmica, juntamente com o resto dos estudos sobre a África¹³.

Proponho uma solução que pro-

10 Veja Martin NOTH, *Die Welt des Alten Testaments*, p. 211-212, e W. F. ALBRIGHT, *The Old Testament World*, p. 238-239. Estes estudiosos eram os gigantes da geração de estudantes que estavam na escola nas décadas de 70 e 80. Estes são os homens e mulheres que lecionam nas maiores universidades e pregam hoje.

11 Às vezes eles até foram chamados de arianos, quando alguns autores migraram de uma egitomania para uma hindumania. Quando isso aconteceu, sugeriu-se que as grandes obras do Egito foram inspiradas pelo gênio indiano e não pelo talento local (Martin BERNAL, *op. cit.*).

12 Berlinerblau deu um resumo conciso dos problemas que afligem os afrocentristas e os egiptólogos que estão nas universidades tradicionais, e explica por que o trabalho de Martin Bernal satisfaz poucos deles. Para uma rápida visão das reivindicações dos afro-centristas veja Elisa Larkin NASCIMENTO, *As civilizações africanas no mundo antigo*, onde essa autora resume parte da literatura de Diop, um dos proponentes do afro-centrismo que é amplamente lido.

13 Ann Macy ROTH, *Building Bridges to Afrocentrism*. Roth acredita que há um diálogo muito útil esperando para acontecer nos Estados Unidos e sugere que ele já pode estar ocorrendo na França entre aqueles que ela chama de egiptólogos afro-cêntricos. Roth diz que o seu ensaio é uma tentativa de facilitar a conversa. A “egiptologia afro-cêntrica” praticada hoje tem uma literatura erudita internacional atrás de si. (O movimento é, antes de mais nada, mais proeminente na França que aqui, a julgar pelos inúmeros livros e periódicos afro-centristas que vi expostos em livrarias de Paris no último verão.) Na América, no entanto, a egiptologia afro-cêntrica é menos

vavelmente não satisfará nenhum dos lados da conversa que não está acontecendo. Parece mais provável que os egípcios não fossem caucasóides, porque a designação “egípcios” claramente não designa uma etnia, mas uma cultura. É, não obstante, uma designação de uma cultura africana que perdeu aproximadamente 3.000

anos¹⁴ e afetou todos os povos que entraram em contato com ela; frequentemente pelas mesmas razões que impressionaram os europeus que primeiro se defrontaram com seus monumentos majestosos em Giza e mais tarde em Luxor e Abu Simbel: poder, riqueza, estabilidade e sabedoria.

2 - *E Pluribus Unum?* (um entre muitos) – quem eram os egípcios senão os “egípcios”?

Não é intenção deste ensaio resolver a questão da etnia em geral; ainda assim, é necessário assinalar que termos raciais modernos são de fato muito modernos, com uma his-

tória de apenas 200 a 500 anos¹⁵. Além disso, muitos dos termos comumente usados para indicar etnia ou raça não têm peso científico, exceto para antropólogos¹⁶. Semítico, indo-

um campo de pesquisa acadêmica do que um movimento político e educacional, que visa aumentar a auto-estima e autoconfiança dos afro-americanos salientando as realizações das civilizações africanas, principalmente do Egito antigo. Desta forma, ela é defendida em livros para o grande público, publicações didáticas e até mesmo em cartazes educacionais patrocinados por grandes cervejarias. Aparentemente tem até agora logrado um considerável sucesso em seus alvos educacionais. Como resultado disso, ela está sendo ensinada a alunos de todas as escolas até o nível universitário por toda a América, e suas doutrinas são frequentemente citadas como fato consumado pela mídia e pelos estabelecimentos educacionais.

14 Este estudo aceita a crença amplamente sustentada de que o Egito de fato passou por um longo e lento processo de “mediterraneização”, mas isto não deveria ser entendido como se significasse uma desafricanização. De diversas formas, foi o Egito que definiu o tom da afamada cultura “mediterrânea”. É estranho que se possa pensar algo contrário, que a cultura que dominou a região por dois milênios de repente assumiria os valores de um grupo de pessoas que se pressupunha serem fundamentalmente diferentes em termos de perspectiva e pensamento.

15 Gould e Bernal vinculam esse termo com Johann Blumenbach e sua obra sobre variedades humanas de 1776. Jonathan M. HESS, *Johann David Michaelis and the Colonial Imaginary*, e id., *Sugar Island Jews?*, opina que o racismo na forma de anti-semitismo *secular* iniciou-se com o trabalho do colega de Blumenbach, Johannes Michaelis, professor de AT, também na Universidade de Göttingen na mesma época. Hannaford propôs uma data do século XV, após a expulsão dos muçulmanos da Espanha.

16 Stephen MOLNAR, *Human Variation*, p. 22.

européu e banto, por exemplo, são designações de grupos lingüísticos, e não termos biológicos. Visto que esses grupos lingüísticos, internamente, são basicamente parecidos em sua aparência e seus comportamentos culturais, eles fazem parte da mesma população¹⁷.

Deve-se dizer que os egípcios, em sua própria etiologia, consideravam-se uma nação com dois grupos distintos. Do Antigo Reino¹⁸ até o final do Egito como potência política antiga, era tradicional representar o faraó com o cocar dual, um branco e um vermelho, ou com os dois cocares com penas. Em cada caso, os dois ícones representavam o Egito Superior e o Inferior. Está claro que os habitantes do Egito Superior, frequentemente conectados com os núbios do moderno Sudão, eram, de fato, a força cultural dominante no início da unidade egípcia; Tebas tornou-se a cidade santa, dedicada ao Deus Amon, a divindade criadora de cujos lombos toda a vida fluía.

Entre as pessoas que sentaram no trono do Egito e se chamaram faraós estavam os núbios da 25ª Dinas-

tia. Os núbios, ou kuchitas, eram vizinhos dos egípcios logo ao sul, onde hoje é o Sudão. Durante os reinados antigos e médios, eles foram, sem nenhuma ordem específica, rivais, parceiros comerciais e aliados dos faraós de Tebas e Mênfis.

Os hicsos do Terceiro Período Intermediário são os mais conhecidos dos leitores da literatura do Antigo Testamento por causa da sua frequente, mas muito incerta, associação com a partida milagrosa dos filhos de Israel do Egito descrita no livro de Êxodo.

Os líbios da 21ª Dinastia também eram “estrangeiros” no trono do poderoso faraó. Eles tinham sido rivais da dinastia de Ramsés desde o reinado de Ramsés II. Embora Ramsés III tenha sido o último faraó de sua dinastia a ser inteiramente bem-sucedido na repulsão dos líbios, o franco declínio do poder egípcio na Ásia começou durante seu reinado, e foi pontuado pelo vergonhoso beco sem saída em que se envolveu ao enfrentar tropas hititas inferiores em Kadesh¹⁹.

17 Os biólogos e geneticistas definem uma população como o grupo reprodutivo básico dentro de uma espécie. Então, visto que todos os seres humanos são capazes de reproduzir com outros, existe somente uma espécie (id., *ibid.*).

18 Narmer unificou os dois povos.

19 Robert G. MORKOT, *The Black Pharaohs of Egypt*, p. 97-98.

2.1 - Quem era “negro” no Antigo Oriente Próximo

Em certo sentido, como sustenta a maioria dos egiptólogos²⁰, a pergunta é muito anacrônica. Os termos usados hoje, sem muita precisão²¹, são categorias que não parecem ter sido importantes para os antigos. Na Antiguidade há poucas referências à cor da pele que podem ser interpretadas claramente como raciais. Há comentários sobre origem nacional ou práticas culturais que um grupo ou outro acha engraçadas ou repugnantes, ou simplesmente não-civilizadas, ou talvez ímpias. Quase nenhuma se baseia nas características físicas de um povo. Também podemos reconhecer que a xenofobia foi a norma para a maioria das culturas do mundo antigo, tanto quanto continua a caracterizar muitas nações modernas. Ao mesmo tempo, proponho que o que os egípcios e israelitas antigos evitavam não era a diferença de cor, mas o fato de ser estrangeiro. Era o medo de que um estranho perturbasse o equilíbrio da sociedade e fragmentasse o modo de vida que supervalorizava a estabilidade. Tendo dito isto, podemos passar para a pergunta de

quem poderia ser considerado negro pelos padrões de hoje. Em outra parte deste projeto, explico minhas razões para usar os padrões dos Estados Unidos. Resumo essa explicação aqui simplesmente dizendo que não é porque eu ache que eles sejam os mais precisos, não que eu pense que eles sejam os melhores, nem é simplesmente porque são a medida com a qual estou mais familiarizado, mas porque acho que eles são globalmente mais reconhecidos por causa do “imperialismo suave” dos Estados Unidos, que produz cultura de massa e iconografia. Esses padrões são: ou se é, ou não se é. Por toda a história dos Estados Unidos, exceto a mais recente, ou se era negro ou não, ou se era branco ou não. Outros grupos étnicos eram virtualmente ignorados até a segunda metade do século XX²². Tem havido muito pouco espaço para o cinza.

Nos Estados Unidos, as pessoas que se defrontrassem com a maioria dos egípcios antigos do AT, até o reinado da 26ª Dinastia, em uma cidade como Chicago, por exemplo, perceberiam essas pessoas como afro-americanos²³. Pelos padrões sociológicos dos Estados Unidos, os egíp-

20 Frank YURCO, *Egypt and Nubia*, é um exemplo.

21 Isso é explicado na primeira parte deste projeto, que ainda não está publicada.

22 Verifique na abordagem sobre multirraciais nos formulários do censo de 1980.

23 Muitas pessoas poderiam ser classificadas como *mulato* ou *moreno* ou *negro* dependendo das sensibilidades e preconceitos da pessoa em sua percepção da classe socioeconômica desse egíp-

cios eram africanos. Alguns deles eram pessoas escuras, como os sudaneses e os etíopes, outros eram mais claros, como os povos de fala berbere do noroeste da África e os xhosa do sul da África, e alguns deles eram morenos, como muitos dos povos “mediterrâneos” e “levantinos”. Adicionando-se a esta confusão o fato de que estamos lidando com povos que viviam sob um sol abrasador, os problemas de classificação étnica com base na cor da pele tornam-se mais complexos quando se procura usar as representações do mundo antigo como indicador. No entanto, a evidência parece indicar que esses povos sempre viveram juntos, com graus variáveis de cooperação e conflito, e nunca houve uma população pura²⁴. As representações dos egípcios como caucásides em sua própria iconografia são bastante tardias em sua história e somente começaram depois de sua mistura com seus conquistadores indoeuropeus, os persas, que também eram pessoas mais escuras, e depois com os gregos e os romanos²⁵.

Os núbios eram africanos, e eram negros. Com exceção de um comentário estranho de Martin Noth na edição de 1962 de “O Mundo do Antigo Testamento”²⁶, não tem havido contestação da negritude desses vizinhos e rivais situados ao sul do Egito. Eles foram representados como integrantes do exército desde as primeiras campanhas egípcias, que viriam a definir o Egito Inferior e Superior como um só “povo” pelos 3.000 anos seguintes. Os núbios é que eram condutores de cavalos e cocheiros, não somente nos exércitos egípcios do final do Médio Reino e Novo Reino, mas também a serviço dos reis assírios da metade do século VIII até quase o final do século VI. Interessante é que quando esses mesmos povos são integrados na sociedade egípcia, eles são representados simplesmente como egípcios. Além disso, quando sentam no trono, tornam-se defensores ferozes da cultura egípcia e igualmente vociferantes na sua crítica aos estrangeiros e, por empréstimo dos gregos, aos bárbaros.

cio “mítico”. Na África do Sul, a pessoa seria negra ou talvez de cor se uma pessoa que adota as antigas classificações racistas estivesse fazendo a avaliação.

24 Veja Stephen MOLNAR, *Human Variation*, p. 43.

25 Morgens JÖRGENSEN, *Egypt III*, p. 376. Jörgensen observa que os rostos nos sarcófagos das múmias do período romano podem nem sempre ter sido uma representação naturalista da pessoa no sarcófago. Ele registra que a reconstrução tridimensional feita por um cientista forense de um rosto baseado em uma cópia do crânio da múmia “não tem, surpreendentemente, nenhuma semelhança com o retrato da múmia” (p. 38-39, figuras 23 e 24).

26 Martin NOTH, *Die Welt*, p. 211-212. Noth sustenta que os próprios núbios não eram realmente negros, mas somente exibiam os efeitos do contato constante com seus vizinhos do sul.

3 - Influências africanas na vida, literatura e religião israelita

3.1 - Estrutura e atitudes

Sem dúvida, a mais forte influência que uma nação africana teve sobre Israel foi a do Egito. Em 1975, R. J. Williams²⁷ elaborou um bom número de detalhes dessa relação. Desde então tem havido modificações secundárias em detalhes, mas o quadro geral permanece o mesmo: o Egito foi uma presença constante ao longo da costa leste do Mediterrâneo e no sul da Palestina. O egiptólogo Williams é generoso em sua avaliação da situação ao não criticar o campo do Antigo Testamento por ignorar evidências valiosas. Escreve ele:

Pela própria natureza de sua formação, é mais provável que os estudiosos do Antigo Testamento tenham adquirido um conhecimento de primeira mão das fontes cananêias e cuneiformes do que tenham dominado os materiais hieroglíficos e hieráticos do Egito. Por esta razão eles têm tido que depender em uma escala maior de

fontes secundárias para os últimos. Não é surpreendente, então, que a herança de Israel proveniente da Ásia ocidental em áreas como mitologia, saltério, coleções de provérbios de teodicéia, códigos e práticas legais, tratados de suserania e anais reais tenha sido mais profundamente investigada. Ainda assim, o legado do Egito de forma nenhuma é desprezível, e uma maior apreciação deste fato tem sido alcançada durante os últimos 50 anos.

Israel sempre esteve consciente de seus vínculos com o Egito, e as tradições de sua curta estada lá estavam indelevelmente em sua literatura religiosa. Mas muito antes de os hebreus se tornarem uma nação o Egito tinha exercido uma supremacia econômica sobre a Síria-Palestina durante o Médio Reino (ca. 2052-1786 a.C.).²⁸

Williams elabora, então, vários pontos-chaves de contato que são ci-

27 R. J. WILLIAMS, *A People Come out of Egypt*. Sou grato ao professor Tryggve N. D. Mettinger pelo gesto bondoso de me enviar uma cópia deste artigo depois de ter ouvido uma apresentação em Lund, durante a preparação deste manuscrito.

28 Id., *ibid.*, p. 231-232.

tados na Bíblia. Começando com a 21ª Dinastia (ca. 1085-945 a.C.), na qual Salomão teria casado com uma princesa egípcia, filha de Siamum, ele continua até a 22ª Dinastia, quando Shoshenk I (ca. 945-924 a.C.) reivindica ter capturado 156 cidades na Síria-Palestina, “entre as quais estava Jerusalém, onde o templo foi saqueado (1Rs 14.25s.)”²⁹.

Ainda mais adiante, Williams cita a ajuda dada pela 25ª Dinastia de Osorkon II a Acabe na sua batalha contra os assírios em Qarqar, em 853. O avanço assírio “levou muitos israelitas a procurar refúgio no Egito”. Mais tarde, Oséias procuraria a ajuda do faraó, mas sem lograr êxito. A maré tinha virado, e os assírios dominariam a Síria-Palestina por muitas décadas. Isaías, mais tarde, repreendeu Ezequias quando este recorreu ao Egito em busca de salvamento. Por último, no século final do restante estado de Judá, muitos judaítas foram da Palestina para o Egito e cons-

truíram guarnições em várias cidades lá; Suen (Elefantina) é a mais conhecida dessas guarnições. Com o saque de Jerusalém em 587, “refugiados” partiram para o Egito. Com eles foi o profeta Jeremias.

Embora a lista acima seja impressionante, ela não é nova. Esses detalhes são conhecidos da maioria dos especialistas na história da Palestina antiga, um grupo que deveria incluir a maioria dos especialistas do AT. Williams, ainda usando evidência já publicada nos anos quarenta, vai mais além e sugere que a forma de administração e educação durante o império davídico estava baseada no modelo egípcio de burocracia. Ele cita uma impressionante lista de exemplos: distritos administrativos³⁰, títulos oficiais³¹, escolas de escribas³², a cunhagem de moedas com números hieráticos³³, terminologia real, o ritual de coroação³⁴ e até mesmo a estrutura física do trono foram derivados de modelos egípcios³⁵.

29 Ibid., p. 232.

30 Ibid. 1Rs 4.7.

31 Ibid., p. 135, citando os títulos *mazkir* e *sofer*.

32 Ibid., p. 238.

33 Ibid., p. 237. O fato de que alguém que tocou uma moeda também tocou o escrito egípcio é significativo.

34 R. J. WILLIAMS, citando von Rad (1947) e a contestação de uma parte dessa reivindicação por parte de Kenneth Kitchen (1966). Williams reconhece ainda a aceitação e a extensão da sugestão de von Rad de que o título real de cinco partes é a base de Isaías 9.7 feitas por Alt (1960) e Wildeberger (p. 234). Williams sugere que, adotando esses ritos, os israelitas aceitaram também a idéia de que neles Deus adotou o rei como seu filho.

35 R. J. WILLIAMS, op. cit. Seguindo Brunner (1958), ele mostra que a expressão bíblica “retidão e justiça são o fundamento do teu trono”, encontrada nos Salmos e Provérbios, é derivada do

Williams conclui que houve dois períodos de contato especialmente próximo entre Israel e o Egito. O primeiro foi o período de Davi e Salomão. O segundo foi sob Ezequias, que foi, destaca ele, o primeiro rei exclusivo sobre Israel (agora limitado a Judá e Benjamim) desde o reinado de Salomão. Williams escreve que Ezequias tentou igualar os padrões do império anterior. Williams lembra o leitor de que o profeta Isaías censurou constantemente os reis de Judá do século VIII por causa de sua busca por unidade com o Egito³⁶. O que ele não menciona é que esses mesmos faraós da 25ª Dinastia eram núbios.

Também é importante mencionar que Williams foca sua discussão na(s) nação(ões) de Israel e em seu relacionamento com o Egito, e só ocasionalmente menciona os hebreus antes de eles se tornarem uma nação. Isto, é claro, significa que ele exclui o período “mitológico” de 400 anos de cativo e as gerações de contato no período patriarcal/matriarcal, durante o qual, de acordo com a tradição de Israel, Israel viveu no Egito. Isto é importante porque essa tradi-

ção mostra uma crença profundamente enraizada de que muitas das tradições de Israel foram fundadas no Egito, e mostra uma crença igualmente profunda de que algumas de suas tradições foram desenvolvidas em total contraposição às práticas do amigo e irmão mais velho de Israel.

O leitor deveria, então, pensar em três períodos nos quais os filhos de Israel que mais tarde seriam conhecidos como Israel e Judá estavam especialmente próximos do Egito: 1) os anos patriarcais e de pré-êxodo, 2) o império davídico e 3) o final do século VIII e VII do remanescente estado de Judá e Benjamim.

3.2 - Discurso profético

Um outro ponto interessante é a influência da literatura egípcia/kuchita³⁷ sobre os próprios profetas. Um exemplo notável se evidencia aqui. Piye, algumas vezes mencionado como Pianchi, foi um dos mais conhecidos faraós da 25ª Dinastia. Ele foi responsável pelos extraordinários monumentos de Gebel Barkal³⁸. Seu reinado começou por volta de 750.

trono do Novo Reino montado num pedestal com o hieróglifo *m3ʿt*, retidão, justiça. 1 Reis enfatiza muito a proveniência fenícia do material, mas Williams quer que seus leitores lembrem que os modelosugaríticos e fenícios devem suas origens ao Egito.

36 Id., *ibid.*, p. 252.

37 Neste projeto, a terra de *kûsh* e os substantivos gentílicos e nomes próprios derivados dele serão escritos com a letra K, a menos que estejam incluídos numa citação na qual o autor original optou pela letra C para representar a letra hebraica *kaf*.

38 Timothy KENDALL, *Discoveries at Sudan's Sacred Mountain of Jebel Barkal Reveal the Secrets of the Kingdom of Kush*.

Em um desses monumentos escrito em hieróglifos egípcios clássicos, Reisner encontrou a seguinte inscrição, na qual Amon, a divindade criadora, estabelece a autoridade divina de Piye para governar o Egito.

Enquanto você ainda estava no corpo de sua mãe, eu ordenei que você fosse governante do Egito. Eu conhecia você na semente, enquanto você estava no ovo, eu sabia que você deveria ser Senhor... Um pai faz o seu filho excelente, e sou eu que decretou a realeza para você.³⁹

O leitor atento será instantaneamente lembrado da vocação de Jeremias, especificamente os versículos 4 e 5, onde se lê:

A palavra de YHWH veio a mim dizendo: “Antes que eu o formassem no ventre eu conhecia você, e

antes que você sáísse do útero eu separei você, eu ordenei você como profeta às nações”. (Tradução do autor).

As semelhanças nessas duas narrativas de vocação são notáveis e merecedoras de exame adicional. É digno de nota, no entanto, que na enxurrada de interesse pelo livro do profeta Jeremias, que culminou na impressionante publicação de nada menos que seis extensos comentários em língua inglesa na década de 80 (iniciando com Bright em 1979 e terminando com Craigie em 1991)⁴⁰, quase nenhum levantou a questão do empréstimo que o profeta tomou do faraó. Somente Carroll ousa levantar o assunto⁴¹, embora já tivesse sido publicado em materiais facilmente acessíveis, como o texto de Beyerlin⁴², p. ex., e ele decide que não vale a pena aprofundar a questão em um comentário sobre o profeta chorão.

39 Id., *ibid.*, e Miriam LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*.

40 John BRIGHT, *Jeremiah*; William McKANE, *Jeremiah*; Roland E. CLEMENTS, *Jeremiah*; Walter BRUEGGEMANN, *To Pluck Up, to Tear Down*; Peter C. CRAIGIE, Page KELLEY e Joel F. DRINKARD, *Jeremiah 1-25*; e Robert P. CARROLL, *Jeremiah*.

41 Robert P. CARROLL, *op. cit.* A falta de uma ocasião para a nomeação de Jeremias nos vv. 4-10 pode ser explicada pela hipérbole no v. 5, que coloca sua formação para ser um profeta às nações antes do seu nascimento (ou até mesmo antes de sua concepção!). Essa localização uterina, onde ele foi consagrado ou preparado para sua tarefa (*qdsh* pode refletir seu *status* sacerdotal, cf. 1.1), tem um paralelo egípcio no qual o deus Amon fala ao rei Pianchi (25ª Dinastia: século VIII) com palavras semelhantes: “Foi na barriga da sua mãe que eu falei sobre você que você seria o governante do Egito; foi como semente, enquanto você estava no ovo, que eu conheci você, que (eu sabia) que você deveria ser Senhor” (GILULA, 1967; outros exemplos em BEYERLIN, 1978, p. 27-30).

42 BEYERLIN, 1978, p. 29.

4 - O estranho caso dum negro livre seqüestrado e escravizado por 85 anos dentro da igreja e da universidade⁴³

Uma porcentagem infelizmente alta dos estudos sobre o Antigo Testamento está gravemente maculada pela racialização⁴⁴ dos textos e das narrativas. A mesma racialização é substanciada somente pelo racismo do mundo dos intérpretes. Um exemplo disso é a forma como Kuche tem sido representado como uma terra de escravidão. Este artigo ilustra como um soldado da guarda de elite do rei Davi foi escravizado injustamente por mais de 80 anos; pior ainda, este coitado entrou nesse estado de escravo mais de 2.000 anos depois de sua própria morte. Vamos examinar como esse milagre poderia ter acontecido.

Com base em erros antigos da egiptologia, persiste ainda hoje a suposição de que os núbios fossem de alguma forma tratados diferentemente de outros prisioneiros de guerra e mais sujeitos à escravidão do que outros povos. Nosso exemplo do soldado escravizado ilustra como essa racialização do texto tem ocorrido e

é passada de uma geração à próxima. Primeiro vamos examinar o importante papel dos kuchitas como cavaleiros na Antigüidade. Depois vamos ilustrar a contínua interpretação errônea dos kuchitas como os escravos do mundo antigo nos estudos bíblicos.

4.1 - O estado da questão

Lisa Heidorn escreveu um artigo claro sobre os kuchitas como criadores de cavalos e cocheiros⁴⁵. Ela se baseia em fontes assiriológicas e egiptológicas primárias e secundárias sobre esses africanos. O que seu texto diz sobre os períodos do AT pode ser resumido da seguinte forma: 1) a primeira evidência da presença dos cavalos domesticados na África se encontra na Núbia no início do século XVII a.C., ou seja, dois séculos antes que os primeiros cavalos domesticados são evidenciados no próprio Egito⁴⁶. 2) Os kuchitas tinham orgulho de sua equitação, e ficavam irri-

43 Uma versão abreviada desta seção foi incluída na revista *Palmares em Ação*, v. 1, n. 1, 2002, publicação da Fundação Cultural de Palmares, do Ministério da Cultura em Brasília.

44 Racialização é o processo de injetar a consideração da raça numa situação onde ela não estava anteriormente ou insistir que a raça deve ser considerada um dado importante quando não o é.

45 Lisa A. HEIDORN, *The Horses of Kush*.

46 Id., *ibid.*, p. 105, n. 2.

tados com aqueles que eram incapazes de apreciar ou manter seus próprios cavalos⁴⁷. 3) Os egípcios e os assírios tiraram proveito das habilidades dos kuchitas dentro dos seus próprios exércitos⁴⁸. 4) Kuchitas viviam em várias partes do mundo antigo, algumas vezes em colônias, mas completamente integrados na vida comercial de suas comunidades⁴⁹.

4.2 - Comentaristas do Antigo Testamento

O/a leitor/a pode comparar por si mesmo/a a imagem dos kuchitas do cuidadoso trabalho no qual a Dra. Heidorn apresenta um quadro multifacetado dos kuchitas com as descuidadas pressuposições e rasas caricaturas racializadas dos primeiros autores no campo da interpretação do Antigo Testamento e arqueologia e história do Oriente Próximo. Cada um desses homens inseriu a racialização da sua época nos textos do Antigo Testamento. Não estou sugerindo que essas inserções fossem especialmente mal-intencionadas; elas são simplesmente expressões dos tempos em que eles trabalharam e publicaram. Mas eu pretendo, sim, que o leitor enten-

da que hoje esses e muitos casos semelhantes contidos nos comentários do Antigo Testamento estão nas estantes das “melhores” bibliotecas de universidades e seminários em todo o Ocidente cristão. Alguns desses outros comentários estão influenciados de modo igualmente óbvio nas suas pressuposições racializadas da superioridade ariana sobre os africanos (junto com uma pressuposição errada de que os israelitas e judaítas eram caucasóides), enquanto outros são mais sutis e requerem um olhar mais profundo para ver como o comentarista (quase sempre) racializou o texto de acordo com os padrões de sua época, classe e subcultura.

O exemplo sob consideração são os comentários sobre 2 Samuel 18.21-33, a seleção de um mensageiro para entregar a notícia de uma vitória sobre o rebelde Absalão e a subsequente transmissão dessa notícia, primeiro por Amiaás e, imediatamente a seguir, por um soldado africano anônimo (?)⁵⁰ da guarda de elite de Davi. O que é notável é que não há nada no texto que sugira que esse kuchita seja um escravo. Como Heidorn mostrou, nos séculos VIII e VII

47 Ibid., p. 105-106.

48 Ibid., p. 107 e 109.

49 Ibid., p. 110.

50 A palavra hebraica *kûshî* foi traduzida como um nome próprio na King James Version e ainda é tomada como tal pela New Revised Standard Version nos casos de Jr 36.14 e Sf 1.1.

os kuchitas desfrutavam de boa reputação⁵¹ por suas habilidades como guerreiros, treinadores de cavalos e cocheiros. Eles eram membros respeitados da sociedade assíria, sendo até mesmo conhecidos por nomes assírios⁵². O fato de a narrativa mencionar que o kuchita (aparentemente um membro da divisão de Joabe da tropa de elite de Davi) se curva diante de Joabe depois de receber sua tarefa, enquanto Amiaás (que aparentemente não está sob o comando direto de Joabe) não o faz, pode ser entendido como uma simples questão de linha de comando. Este argumento é apoiado pelo fato de que Amiaás insiste e finalmente induz Joabe a permitir que ele corra. Uma outra explicação é o seu nascimento nobre. Como Amiaás era filho de um sumo sacerdote, pode ser que ele somente precisasse prostrar-se perante o rei, como o faz no versículo 28. Ironicamente, o kuchita não se prostra perante o rei Davi quando chega para entregar a notícia.

O primeiro comentarista problemático a ser considerado é o inglês Sir Henry Preserved Smith, um dis-

tinto colaborador do *International Critical Commentary* (Comentário Crítico Internacional)⁵³, uma série de comentários em tamanho de livro, exegeticamente baseados, de livros individuais e, ocasionalmente, agrupamentos de livros, que foi iniciada no século XIX. O ICC continua a ser impresso hoje, pois a editora T & T Clark está engajada num processo paralelo. Um deles é a conclusão da série publicando comentários de livros que até agora não foram objeto dessa honra. Simultaneamente, os editores estão selecionando comentários que se tornaram obsoletos e contratando autores para escrever novos volumes a fim de substituir os mais velhos. No catálogo da T & T Clark, o comentário de Smith sobre I e II Samuel, publicado pela primeira vez em 1899, tem uma edição com data de 1971. A edição de 1961 continha estas infelizes palavras: “Joabe chama então um negro (*naturalmente, um escravo*) e ordena-lhe: ‘vá contar ao rei o que você viu’, *uma mensagem de luto dada por um mensageiro menosprezado.*”⁵⁴ Quero reafirmar ao/à leitor/a que não há menção de

51 Por uma questão de justiça para com os autores do século XIX e início do século XX, deve ser dito que grande parte do material de Heidorn vem da segunda metade do século XX. Os estudos sobre os núbios tiveram um incremento na esteira das campanhas da UNESCO para salvar Abu Simbel. Não obstante, ainda não havia nenhuma razão em meio a essa vasta ignorância legítima sobre Kuche para supor que eles fossem os inferiores do Egito.

52 Lisa A. HEIDORN, op. cit., p. 110.

53 Henry Preserved SMITH, *The Book of Samuel*.

54 Id., ibid., p. 359 (o grifo é meu).

escravidão e nenhuma indicação de pouca consideração pelo kuchita na Bíblia. Isto só existe na mente de Smith e, infelizmente, de seus leitores por mais de um século agora. Seu livro continua sendo publicado e ainda está nas estantes hoje.

Hertzberg⁵⁵, que é alemão, escreve que o kuchita submisso não chegou a refletir quando aceitou a tarefa de contar ao rei o que tinha visto. Parece que Hertzberg prefere um homem insistente de nascimento nobre a um soldado obediente que se compraz em ver o término do conflito e a preservação da soberania do reino. Ao receber a ordem de informar, ele faz o que lhe foi ordenado. Amiaás, por outro lado, se recusa a aceitar a decisão do seu comandante de campo, dá um jeito de chegar até a frente e, no momento em que percebe que Davi poderia considerar esse informe como má notícia e poderia associar essa má novidade com ele pessoalmente, finge falta de conhecimento para evitar ser o portador de uma má notícia⁵⁶.

Os franceses parecem ter aproveitado sua oportunidade no hospício da racialização, também. Dhorme⁵⁷

e mais tarde de Vaux⁵⁸ sugerem que a cor da pele do mensageiro deveria ser vista como um indicador de que tipo de notícia ele é portador. Com certeza, Davi, com esperanças de que o seu amado filho ainda esteja vivo, sugere que, como o primeiro corredor é o filho de um amigo e aliado político, “ele é um homem bom, e vem com boas notícias”. Isto não tem nada a ver com a cor da pele, mas, como a famosa frase sugere, com “o conteúdo de seu caráter” ou, pelo menos, com sua lealdade política a Davi. É somente com o comentário de 1984 de Kyle P. McCarter, publicado na série Anchor Bible, que a absurdidade das interpretações racializadas do kuchita no exército de Davi é colocada de lado:

Assim, Joabe designa um outro corredor, um integrante do exército, no qual se pode confiar para informar a vitória e a morte de Absalão como boas notícias. Não há razão para supor que o fato de que o camarada é um kuchita tenha significado especial. A designação sugere que sua linhagem era etíope ou núbia, e uns

55 Hans W. HERTZBERG, *Samuelbücher*, p. 279. O autor escreve que o kuchita é “weniger geistesgegenwärtig” (“tem menos presença de espírito”).

56 McCarter acredita que Amiaás realmente não tinha como saber o que acontecera com Absalão.

57 Paul DHORME, *Les Livres de Samuel*. “D’après le v. 27, on voit que la personne du messenger était un indice de bonne ou de mauvaise nouvelle.”

58 Roland de VAUX, *Les Livres de Samuel*.

poucos comentaristas (Dhorme e deVaux) concluem que sua pele negra era, para Davi, um sinal das más notícias que ele estava trazendo. Mas, claramente, tanto Joabe quanto o cuchita pensavam que a notícia era boa e queriam que Davi pensasse assim também. A tradição por trás da introdução ao salmo 9 sustenta-

va que o cuchita (“Cuche”, veja a *Nota textual* no v. 21) era benjaminita, e isto não era impossível: Cuche, o pai do profeta Sofonias, era bisneto de Ezequias (Sf 1.1); presumivelmente a mãe de Cuche era etíope, de modo que ele era *kûsî*, negro, e ao mesmo tempo judaíta.⁵⁹

Conclusões

Foi uma longa aflição até chegar, finalmente, aquela justa liberdade do kuchita “escravo” de sua escravidão no exército de Davi. Mas agora que ele foi libertado pelo decreto de Kyle McCarter com o reconhecimento de que ser judaíta (ou benjaminita) e afro-descendente eram estados existenciais perfeitamente compatíveis para o habitante típico do mundo bíblico, talvez nós possamos passar a libertar outros que são especificamente mencionados como sendo kuchitas, e muitos outros que não o são, da escravidão mental na qual nós os

prendemos em nossa imaginação.

Existem diversos exemplos de como os egípcios serviram de modelo para muitas práticas religiosas, políticas e sociais de israelitas e judaítas⁶⁰. Há muito tempo se sabe que os kuchitas tomaram conta do Egito no século VIII a.C. O ano 2000 testemunhou a publicação de um livro intitulado *Os faraós negros do Egito*, que relata a história da 25ª Dinastia⁶¹. Não pode mais haver nenhum motivo razoável para negar que esses egípcios, pelo menos muitos deles e certamente aqueles durante o

59 Kyle P. McCARTER, *II Samuel*, p. 408. McCarter, no entanto, cai na mesma armadilha de supor que a linha kuchita deva ser da mãe e ignorando a possibilidade de que os judaítas tenham aceitado a africanidade patrilínea. Williams, como vimos, sustenta com veemência que Ezequias foi aquele que dos três reis estava estreitamente alinhado ao Egito. Já destacamos que os egípcios com os quais ele lida são da 25ª Dinastia.

60 R. J. WILLIAMS, op. cit. Williams esboça dois milênios da influência egípcia em Israel e Judá.

61 Robert G. MORKOT, *The Black Pharaohs of Egypt*. Neste texto os termos “núbio” e “kuchita” são sinônimos.

período das reformas de Ezequias, a época da 25ª Dinastia, eram africanos negros.

Na Europa, muitos teólogos tacham as teologias americanas (e muitos mal distinguem entre teologias norte-americanas e sul-americanas, e muito menos reconhecem as distinções nacionais que nós todos sentimos entre nós) e as teologias africanas e asiáticas (novamente com poucas distinções) de contextuais, ou seja, regionais e efêmeras, teologias que ameaçariam dividir a Igreja unificada.

Acho que está claro que os antepassados desses que mais reclamam hoje começaram a praticar a grande pré-textualização dos textos, inconscientemente. Foram eles que acreditavam, na sua inocência renascentista e iluminista, que há somente uma forma de entender cada texto ou que há somente uma experiência genuína do divino e que esta seria melhor organizada e explicada pela Igreja ocidental e, mais tarde, pela universidade ocidental.

Talvez esse seja o ponto principal desta reflexão. Há muitas formas de experimentar a Deus e muitas perguntas a serem feitas ao longo do caminho até seu bacharelado e seu posterior serviço na Igreja de Cristo. Alguns de vocês vieram procurar uma resposta. Prometo que, durante

o tempo que passarem aqui, nós perturbaremos vocês com muitas respostas, às vezes para a mesma pergunta. Pior ainda, cada resposta trará consigo novas perguntas e novas possibilidades para entender dimensões ainda inéditas da vida de fé.

Os gregos contavam loucas histórias sobre um deus mulhengo que frequentemente caminhava por aí em estranhos disfarces a fim de seduzir jovens mulheres mortais. Lutero escreveu sobre um Deus escondido; um Deus que nunca é bem reconhecível aos seres humanos. Zeus aparece numa peça como um etíope forasteiro, e Homero sugere que ele deixava suas tarefas divinas de lado por um tempo a cada ano para visitar os africanos, porque, como os brasileiros, eles tinham as melhores festas. Eu sugiro que uma das respostas que este nosso trabalho tem a dar aos/às leitores/as é que o “deus absconditus”, o Deus escondido de Lutero, está escondido em parte porque nós estamos procurando um deus branco que prefere falar com pessoas brancas, preferivelmente numa certa língua européia. Será que, entendendo que o Deus do Antigo Testamento é um Deus de pele morena ou negra, que optou falar com africanos, nós poderíamos vislumbrar algo do Todo-Poderoso que seja um pouquinho mais autêntico?

Bibliografia

- ALBRIGHT, William Foxwell. The Old Testament World. In: *Interpreters' Bible*. Ed. por Buttrick. Abingdon, 1956.
- BERNAL, Martin. *Black Athena: Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. Vol. 1: *The Fabrication of Ancient Greece 1785-1985*. New Brunswick, NJ/USA: Rutgers University, 1987.
- BEYERLIN, Walter. *Near Eastern Religious Texts relating to the Old Testament*. Philadelphia: Westminster, 1978.
- BRIGHT, John. *Jeremiah: A New Translation with Introduction and Commentary*. Garden City, NY: Doubleday, 1979. 372 p. (The Anchor Bible).
- BRUEGGEMANN, Walter. *To Pluck Up, to Tear Down*. Grand Rapids, 1988. (International Theological Commentary, ed. por Frederick Carlson Holmgren e George A. F. McKnight).
- CARROLL, Robert P. *Jeremiah*. Philadelphia: Westminster, 1986. 874 p. (Old Testament Library).
- CLEMENTS, Roland E. *Jeremiah*. Atlanta: John Knox, 1988. 276 p. (Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching).
- CRAIGIE, Peter C.; KELLEY, Page; DRINKARD, Joel F. *Jeremiah 1-25*. Waco, TX: Word, 1991. 389 p. (Word Biblical Commentary, 26).
- deKLERK, W. A. *The Puritans in Africa: A Story of Afrikanerdom*. London: Rex Collins, 1975.
- DHORME, Paul. *Les Livres de Samuel*. Paris: Librairie Victor Lecoffre, 1910.
- FELDER, Cain H. Race, Racism and the Biblical Narratives. In: Id. (Ed.). *Stony the Road We Trod*. Minneapolis: Fortress, 1991. p. 127-45.
- HANNAFORD, Ivan. *Race: The History of an Idea in the West*. Washington DC/ Baltimore: Woodrow Wilson Center/Johns Hopkins, 1996.
- HEIDORN, Lisa A. The Horses of Kush. JNES, v. 56, n. 2, p. 105-14, 1997.
- HERTZBERG, Hans W. *Samuelbücher*. 1965. (Das Alte Testament Deutsch).
- HESS, Jonathan M. Johann David Michaelis and the Colonial Imaginary: Oriental Studies and the Emergence of Racial Anti-Semitism in 18th Century Germany. *Jewish Social Studies*, v. 6, n. 2, p. 56-101, 2000.
- . Sugar Island Jews? Jewish Emancipation and the Rhetoric of “Civic Improvement” in Eighteenth Century Germany. *Eighteenth Century Studies*, v. 32, n. 1, p. 92-100, 1998.
- JANSON, H. W. *History of Art*. 2. ed. Ed. por Milton S. Fox. New Jersey / New York: Prentice-Hall / Harry N. Abrams, 1970 (1. ed.: 1962). 616 p.
- JÖRGENSEN, Morgens. *Egypt III: Coffins, Mummy Adornments and Mummies from the Third Intermediate Period, Late, Ptolemaic and Roman Period*. Ed. por Ann Marie Nielsen. Copenhagen: Ny Carlsburg Glytoteke, 2001. 376 p.

- KENDALL, Timothy. Discoveries at Sudan's Sacred Mountain of Jebel Barkal Reveal the Secrets of the Kingdom of Kush. *National Geographic*, p. 96-124, nov. 1990.
- LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature: The Late Period*. London: University of California, 1980.
- MAKER, Alan. Something New Out of Africa: Christian and African Spirituality Meet and Give Hope for World Humanity. *Princeton Seminary Bulletin*, v. XXII New Series, n. 2, p. 185-201, 2001.
- MARX, Anthony W. *Making Race and Nation: A Comparison of the United States, South Africa and Brazil*. Cambridge: Cambridge University, 1998.
- MCCARTER, Kyle P. *II Samuel: A New Translation with Introduction, Notes and Commentary*. Garden City: Doubleday, 1984. (Anchor Bible, ed. por William Foxwell Albright e David Noel Friedman).
- McKANE, William. *Jeremiah: Introduction and Commentary on Jeremiah 1-29*. T & T Clark, 1986. V. I, 658 p. (International Critical Commentary).
- MOLNAR, Stephen. *Human Variation: Races, Types and Ethnic Groups*. 2. ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1983. (1975: Races, Types and Ethnic Groups: The Problem of Human Variation).
- MORKOT, Robert G. *The Black Pharaohs of Egypt: Egypt's Nubian Rulers*. London: Rubicon, 2000.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. As civilizações africanas no mundo antigo. In: *Thoth: escriba dos deuses*. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1997. p. 224-48.
- NOTH, Martin. *Die Welt des Alten Testaments*. Berlin: Alfred Töpelmann, 1962.
- ROTH, Ann Macy. <amr@cldc.howard.edu>, Building Bridges to Afrocentrism: A Letter to My Egyptological Colleagues. ftp://oi.uchicago.edu/pub/papers/AMRoth_Afrocentrism.ascii.txt, 26 January 1995.
- SMITH, Henry Preserved. *The Book of Samuel*. [1899, 1961] Edinburgh: T & T Clark, 1861. (International Critical Commentary).
- VERCOUTTER, Jean; LeCLANT, Jean. *The Image of the Black in Western Art: Vol I: From the Pharaohs to the Fall of the Roman Empire*. Ed. por Jean Vercoutter, Jean LeClant. London: Harvard University, 1976.
- WILLIAMS, R. J. A People Come Out of Egypt: An Egyptologist Looks at the Old Testament. SVT, Leiden: Brill, p. 231-52, 1975.
- YURCO, Frank. Egypt and Nubia: Old, Middle and New Kingdom Eras. In: YAMAUCHI, Edwin (Ed.). *Africa & Africans in Antiquity*. East Lansing/Michigan: Michigan State University, 2001. p. 28-112.

Peter Nash

Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo – RS
ptnash@est.com.br